

## 6. ATUALIZAÇÃO: A PRESENÇA DA ESCATOLOGIA NA EVANGELIZAÇÃO ATUAL

### Introdução

Vimos, com base no Concílio Vaticano II, que a escatologia não se refere a uma realidade apenas futura, mas também se encontra constantemente na vida presente, para apontar o futuro já se realizando, mesmo que ainda não em sua totalidade.

A dimensão escatológica, atualmente na evangelização, ainda é por si relativamente pouco esclarecida em seu anúncio, embora, a partir do Concílio Vaticano II, o primeiro passo tenha sido dado para sua releitura e, por conseguinte, sua renovação na pastoral da Igreja tenha-se ampliado com a *Evangelii nuntiandi*. Porém, as decisões conciliares ainda se encontram junto à classe mais ilustrada da Igreja, enquanto que a maioria do povo de Deus, sobretudo a que pertence às camadas mais populares, vive das conclusões de Concílios anteriores. Ali, o jeito pré-moderno e dualista da cosmovisão greco-medieval é atuante, sobretudo em meio às famílias tradicionais que preservam ainda antigas interpretações dos *novísimos*, cuja crença se apoia em esquemas fora do tempo e da História, devido a sua influência dualista platônica.

Não queremos, aqui, apontar saídas para solucionar desafios da evangelização, mas ressaltar a importância de estarmos reconsiderando, continuamente, o valor da dimensão escatológica na atividade evangelizadora da Igreja, pois se trata de uma dimensão própria do anúncio do Evangelho. Mas cabe a nós, na condição de pesquisadores, contribuímos no processo de busca de respostas e novidades que atualizem nossa pastoral e nosso jeito de ser Igreja, neste duro e desafiador mundo contemporâneo da pós-modernidade.

Nosso capítulo de então não se afasta das definições conciliares, pois nelas se sustenta e orienta a dimensão escatológica respaldada na Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*, conforme apontamos no capítulo anterior, e este é, agora, a mola mestra e norteadora para a atualização em nossa pastoral da Igreja Contemporânea. Entretanto, o presente capítulo tem como vertente principal trazer à tona uma perspectiva escatológica, com base no que se delineou no capítulo anterior, porém ressaltando como ponto fundamental da atual missão evangelizadora da Igreja o anúncio de Jesus Cristo sobre o Reino de Deus, na

perspectiva do seu “vir a ser” na História e na experiência que a criatura humana realiza em seu encontro com Jesus, identificado na causa dos pobres. Registrem-se, ainda, o testemunho cristão e o valor da esperança cristã, muito lembrados hoje pelo Magistério Pontifício, como fundamentais para o serviço pastoral, mas sem que se perca a orientação do Espírito Santo para a vida dos seres humanos, enquanto, caminhando na estrada de Jesus, esperamos a completude de seu Reino Definitivo.

### 6.1 – Retornar a Cristo e a seu anúncio escatológico

Atualmente, o Cristianismo vem passando por profundas releituras para melhor adaptar-se às mudanças exigidas por um mundo secularizado, haja vista a América Latina e o Caribe, após a Conferência em Aparecida, cujas conclusões têm levado ao comprometimento da Igreja, neste continente, a assumir as mudanças previstas para a evangelização e a pastoral nas Igrejas particulares.<sup>1</sup>

A Igreja nasceu da atuação de Jesus e dos doze apóstolos<sup>2</sup> e evidencia que a evangelização é um processo contínuo. Pode haver momentos específicos de conversão e transformação, mas estamos sempre em processo de sermos evangelizados, à medida que crescemos como discípulos de Jesus, o que se aplica também à Igreja, “que é evangelizada através de conversão e renovação constantes.”<sup>3</sup>

O Papa Paulo VI afirmava que: “Evangelizar para a Igreja é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude e, pelo influxo, transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade.”<sup>4</sup> Hoje essa percepção se esclarece: a evangelização deve assumir uma dimensão pessoal, em que cada um de nós é chamado a uma nova vida, mas há também a responsabilidade de evangelizar a sociedade à qual pertencemos e o mundo no qual vivemos.

Em nosso estudo da dimensão escatológica da Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*, desenvolvido no capítulo anterior, não há muito de diferente,

<sup>1</sup> Cf. CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 2. ed. São Paulo; Brasília, 2007, n. 16.

<sup>2</sup> EN, 15

<sup>3</sup> Ibidem

<sup>4</sup> EN, 18

pois foi possível notar que essa dimensão da evangelização necessita de sofrer algumas mudanças em sua releitura, para melhor produzir o que lhe é próprio.

Para tanto, ressaltaremos, primeiramente, o anúncio de Jesus Cristo do Reino de Deus, que se faz presente na história e na experiência que a pessoa realiza em seu encontro com Jesus, identificado na causa dos pobres, a partir das atualizações já iniciadas, com base na missão evangelizadora da Igreja na América Latina.

### **6.1.1 – Atualizar o anúncio escatológico de Jesus acerca do Reino para nossos dias.**

O anúncio escatológico de Jesus acerca do Reino de Deus e da Salvação por ele oferecida passará a ter maior clareza de seu conteúdo, caso se faça, rapidamente, um retorno ao aprofundamento da pessoa e da missão de Jesus de Nazaré, em comunhão com a experiência do Cristo glorificado.

A onda secularizadora da cultura pós-moderna, e de seu constante relativismo, leva-nos a rever o anúncio que Jesus faz do Reino de Deus, e perceber que é no próprio Jesus, em suas ações e palavras, que o Reino irromperá, de forma absoluta, contrapondo à constante relativização das coisas o que estava sendo comum no relacionamento dos cristãos com a cultura moderna, a ponto de vir a relativizarem o próprio Deus.

Assim, ao ressaltarmos o Absoluto do Reino, como afirmou a *Evangelii Nuntiandi*: “em comparação com ele, tudo o mais passa a ser dado por acréscimo tornando relativo tudo o que não se identifica com ele;”<sup>5</sup> estaremos afirmando que a missão evangelizadora da Igreja aviva a esperança de que um outro mundo é possível, ainda que em situações difíceis.<sup>6</sup> Por isso, necessita de profetas e peregrinos que denunciem as situações de pecado e as estruturas injustas, e anunciem os valores da vida plena realizada em Cristo. Assim, a Igreja assume

<sup>5</sup> EN, 8

<sup>6</sup> Cf. MINÁ, Gianni. *Um outro mundo é possível*: Propostas do Fórum Social Mundial de Porto Alegre para um futuro melhor (tradução Eliane Aguiar). Rio de Janeiro, 2003, p.15. O livro em destaque nos apresenta dados e cifras incontestáveis. Treze prestigiosos representantes do mundo, que se colocam na linha de frente das batalhas cotidianas pela defesa da vida e dos direitos de todos, expõem, cada um de sua própria perspectiva (a ética, a política, a comunicação, a guerra, a paz, os direitos das populações indígenas, a justiça, a fome, a sede, a memória). Uma realidade que é completamente diversa daquela que nos é descrita, proposta, louvada diariamente em quase todos os jornais e televisões do planeta, que não tem nenhuma ligação com a vida verdadeira, da qual, ao contrário, é muitas vezes uma representação grotesca.

com entusiasmo a nova evangelização e a missão *ad gentes*, no sentido de que o evangelho chegue a todos os homens e mulheres sedentos de Deus.

Com o anúncio do Reino por Jesus, traduz-se que ele já começa, nessa história, a sua revelação até que se mostre em sua plenitude, pois, por ter sua própria transcendência histórica, o anúncio do Reino por Jesus é escatológico.

Sendo, portanto, o anúncio do Reino de Deus o núcleo de toda a atuação de Jesus (cf. Lc 4, 43), cabe à evangelização atual assentar aí sua meta fundamental, ao se voltar para Jesus e o anúncio do Reino.

Essa atualização tem dado início na Igreja da América Latina, a qual vem colocando-se em estado de missão.<sup>7</sup> Partindo desse anúncio, ela pretende viabilizar o encontro com Cristo vivo e fortalecer o sentido de pertença eclesial, para que todos os batizados, de evangelizados passem a evangelizadores, como nos ensinou nosso Pontífice;<sup>8</sup> e, através de seu testemunho e ação evangelizadora, nossos povos latino-americanos e caribenhos cheguem a ter vida plena em Jesus Cristo.

Essa proposta está carregada da firme decisão missionária de promoção da cultura da vida, que deve impregnar todas as estruturas e os planos de pastoral, em todos os níveis eclesiais, bem como toda a instituição, abandonando as estruturas ultrapassadas.<sup>9</sup> Sem uma autêntica experiência de Deus em Cristo, o catolicismo sofre erosões diariamente, devido às mudanças profundas que constantemente se dão na história humana.<sup>10</sup>

<sup>7</sup> “Hoje, toda a Igreja na América Latina e no Caribe quer colocar-se em estado de missão. A evangelização do Continente, dizia-nos o Papa João Paulo II, não pode realizar-se hoje sem a colaboração dos fiéis leigos. Hão de ser parte ativa e criativa na elaboração e execução de projetos pastorais a favor da comunidade. Isso exige, da parte dos pastores, maior abertura de mentalidade para que entendam e acolham o “ser” e o “fazer” do leigo na Igreja, que por seu batismo e sua confirmação é discípulo e missionário de Jesus Cristo. Em outras palavras, é necessário que o leigo seja levado em consideração com espírito de comunhão e participação.” Cf. CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, op cit., nº. 213.

<sup>8</sup> “Aqueles que acolhem com sinceridade a Boa Nova, por virtude desse acolhimento e da fé compartilhada, reúnem-se, portanto em Nome de Jesus para conjuntamente buscarem o Reino, para o edificar e para o viver. Eles constituem uma comunidade também evangelizadora”. Cf. EN, 13

<sup>9</sup> Cf. CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, op cit., nº 365.

<sup>10</sup> GS, 4-10; EN, 55-57. Estas informações têm sofrido agudas mudanças, o que se percebe com o documento conclusivo da conferência de Aparecida.

“Essa evangelização é tarefa de todos os fiéis, chamados, em virtude de seu batismo, a serem discípulos missionários de Jesus Cristo.”<sup>11</sup>

O ardor missionário como desafio na evangelização no Continente Latino-Americano e Caribenho deve impregnar a Igreja inteira. Tal é a exigência de Aparecida. A Igreja, para ser toda missionária, necessita: desinstalar-se de seu comodismo, estancamento e tibieza; converter-se em um poderoso centro de irradiação da vida em Cristo; experimentar um Novo Pentecostes que nos livre do cansaço, da desilusão e da acomodação.<sup>12</sup>

Ao perscrutar as Conclusões da Conferência de Aparecida, conclui-se que é importante sempre recomeçar a tarefa evangelizadora. Sempre a partir de Cristo, reconhecendo que “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou por uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma pessoa, que dá novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva.”<sup>13</sup>

Desse modo, a evangelização, hoje, deve anunciar Jesus Cristo como caminho de salvação e resposta para os graves problemas que nos afligem, apregoar que o Reino de Deus está presente, e que somos todos chamados a ajudar na construção deste Reino, que é destinado a todos – Reino de justiça e de verdade, que é salvação transcendente e escatológica na história, para o homem e para o mundo.

### **6.1.2 – Atualizar o anúncio de uma salvação transcendente e escatológica**

A *Evangelii nuntiandi* nos ensina que “a evangelização há de conter também sempre, e ao mesmo tempo como base, centro e ápice do seu dinamismo, uma proclamação clara de que, em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus.<sup>14</sup> E, ainda, “uma salvação transcendente e escatológica.”<sup>15</sup> Desse modo, a evangelização não seria completa, se ela não

<sup>11</sup> Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2008-2010*, São Paulo, 2008, n. 07.

<sup>12</sup> Cf. BRIGHENTI, Agenor. Para compreender o Documento de Aparecida: o pré-contexto, o contexto e o texto, São Paulo, 2008, p. 25.

<sup>13</sup> Cf. CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, op cit., nº 12.

<sup>14</sup> Cf. EN, 27

<sup>15</sup> Cf. EN, 27

tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social. É por isso que a evangelização deve comportar uma mensagem explícita, adaptada às diversas situações e continuamente atualizada.

Trata-se de uma evangelização já atualizada pelo Papa Paulo VI desde o Concílio Vaticano II, e que foi confirmada pela *Evangelii nuntiandi*, porém não se desenvolveu como se esperava, e hoje cabe assumir com mais convicção e coragem profética. Assumir esse anúncio da salvação transcendente e escatológica é caminhar na contra mão de uma evangelização pautada na mentalidade que reduz o universo religioso à busca de uma salvação ou redenção sobrenatural e negadora da própria história humana, numa visão de fé marcadamente vétero-testamentária. Essa superação de uma estrutura sacral e atemporal existente nas diversas formas de experiências religiosas tradicionais se dará com um retorno às fontes do próprio cristianismo.

É preciso, então, repensar a pastoral e assumir a salvação, numa perspectiva de abertura à dimensão social e comunitária e ao compromisso do cristão para a construção de uma nova ordem terrena que busca concretizar nossas esperanças de que necessitamos, na luta pela construção do Reino de Deus.

Essa dimensão aponta para a solidariedade com os sofrimentos de nossos irmãos e irmãs, que tem como fundamento a vida, a obra e o mistério pascal de Cristo. A partir dele, é que a solidariedade se propagou no mundo, como fonte de grande esperança, e nos fez conhecer um Deus que se faz humano com os humanos, para vivermos a certeza da grande esperança, que o coração humano busca, de modo performativo como o próprio Cristo vivo, revelação plena do Pai, pelo Espírito Santo.<sup>16</sup>

Afinal, é preciso envolver-se nas questões do mundo, e não considerá-lo simplesmente “um vale de lágrimas”, aguardando o juízo final como prêmio por uma possível paralisia ou imobilidade perante os acontecimentos. Pela caridade, os cristãos e todos os homens e mulheres de boa vontade são levados a assumir um compromisso social atuante nas estruturas que sustentam uma situação de miséria e opressão.

---

<sup>16</sup> BOFF, Lina. “A Spe Salvi sugere o Vaticano II?: Do Continente da Esperança”. In *REB*, n.º. 271, Petrópolis, 2008, pp. 660-664.

Ser cristão nessa perspectiva que assume a relação humano-divina, sem dicotomia a separá-la, como o profano e o sagrado, mas se comprometendo com a opção pelos pobres e excluídos da sociedade e da própria instituição eclesial, é afirmar, de fato, a prática de Jesus no contexto contemporâneo.

### **6.1.2.1 – Afirmar a dimensão escatológica da fé cristã na história atual**

Querer afirmar nossa fé cristã, anunciando nossa perspectiva de vida em plenitude em meio às realidades históricas, é sustentar que o Reino de Deus, tal qual almejamos, é absoluto e pleno em si mesmo. E, por isso mesmo, dá sentido à nossa vida, para que não nos contentemos com pequenos sentidos levados ao extremo para viver, como sexo, emprego, atividade profissional etc., o que, quando falta, leva-nos ao desespero, angústias, mágoas; e a atitudes extremas, de perda de esperança ou até mesmo a estagnar a própria vida.

Trata-se de uma fé histórica, espaço-temporal, que não vive do passado e não se prende ao presente, pois sua finalidade definitiva está no futuro, por que “pela revelação tem a atualidade da presença do Cristo-Pneuma”,<sup>17</sup> isto é, que ressuscitado, age no Espírito, e conserva um profetismo que o distancia dos poderes voltados unicamente para manter-se no presente.

Por sua natureza escatológica, além do tempo e da história, nossa fé cristã tende para o fim; isto é, para a “eternidade relativa das criaturas, não como categoria temporal, mas como expectativa, esperança existencial, por isso plena vida, que se funda na esperança”.<sup>18</sup>

Por tudo isso é que afirmamos a criação, o valor da realidade terrestre, pois o fim ou o escatológico, e a criação ou o início ou a protologia são obras de Deus.<sup>19</sup> E tudo é envolvido pela plenitude, Deus mesmo; como termina e proclama a fé que professamos: “Cremos na Vida Eterna”. Aqui, situamos também nossas raízes de viandantes desde as experiências do povo israelita, cuja perspectiva bíblica apontava para o futuro, em direção à Terra Prometida.

<sup>17</sup> LIBÂNIO, João Batista. *Olhando para o futuro: Prospectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina*, São Paulo, 2003, p. 5.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 6.

<sup>19</sup> Cf. BOFF, Lina. “Da protologia à escatologia”, art. cit., p. 112

Destarte, nossa fé sustenta a presença de Deus na história, em virtude de sua encarnação. É Deus conosco. Ressuscitado, na ação do Espírito Santo, é quem nos orienta para o futuro de plenitude.

Por isso, o problema para nossa fé cristã não é aceitar ou crer nalgumas de suas verdades, mas fazê-lo segundo seu imperativo comunitário, em que o problema não é crer, mas crer junto. Viver a fé cristã em comunidade – essa é a intencionalidade profunda de nossa fé cristã.<sup>20</sup> Afinal, “não se faz a salvação do mundo sozinho.”<sup>21</sup>

Portanto, ao querer demonstrar a dimensão histórica e escatológica de nossa fé, o cristão é levado a considerar a identidade de sua fé, marcado pelo caráter comunitário, intuição básica dos primeiros cristãos,<sup>22</sup> cujos elementos fundamentais se entendem no interior de uma rede de relações (Deus, Jesus, Espírito Santo, Igreja, Sacramentos, amor ao próximo, prática libertadora...). Essa intuição básica de nossa fé é que nos orienta e impulsiona ao anúncio do Reino de Deus, que se identifica de forma histórica e escatológica. Desse modo, não se trata de um sistema fechado, mas de um seguimento, um caminho, um verdadeiro êxodo que nos abre novas perspectivas.<sup>23</sup> Afinal, em Jesus Cristo, tudo está dito e tudo está ainda por dizer.

---

<sup>20</sup> A intencionalidade profunda de nossa fé cristã se caracteriza em Mateus, como intencionalidade de simplicidade, onde toda lei se resume no amor a Deus e aos irmãos. “Destes dois mandamentos (amor a Deus e ao próximo) dependem toda a Lei e o Profetas” (Mt 22, 40). Deus, que criou o ser humano não para a morte, mas para a vida, é quem faz com ele Aliança para todo sempre. Eis aí a essência e o espírito da vida humana, tal qual viveu Jesus; num ato único com duas faces inseparáveis: amar a Deus com entrega total de si mesmo, por que o Deus verdadeiro e absoluto é um só, e, entregando-se a Deus, o homem desabsolutiza a si mesmo, o próximo e as coisas; amar o próximo como a si mesmo, isto é, a relação num espírito de fraternidade e não de opressão ou de submissão. O dinamismo da vida é o amor que tece as relações entre os homens, levando todos aos encontros, confrontos e conflitos que geram uma sociedade cada vez mais justa e mais próxima do Reino de Deus. (Cf. Mc 12, 18-27; 28-34)

<sup>21</sup> MOLITOR, M. L’avenir du Catholicisme en Europe. Analyses, questions, convictions. Revue Théologique de Louvain 33, n°. 2 (2002), 163-168. *Appud*. LIBÂNIO, João Batista. *Olhando para o futuro: Perspectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina*, op. cit., p. 30.

<sup>22</sup> Lucas apresenta o primeiro retrato da comunidade cristã. Ela nasce do anúncio fundamental que provoca a conversão; cresce graças aos ensinamentos dos apóstolos e se espalha através do testemunho. Internamente a comunidade se mantém pela união com Deus e pela participação na Páscoa de Jesus. Na vida prática, a conversão se exprime por um novo modelo de relações; a fraternidade substitui a opressão do poder, e a partilha dos bens supera a exploração do comércio. A única autoridade é a de Deus, e se exprime através de prodígios e sinais que acompanham o testemunho dos apóstolos. Para Lucas, a vida dessa comunidade mostra o ideal da Igreja e o projeto de nova sociedade. (Cf. At 2, 42-47)

<sup>23</sup> Na Linha do Sínodo de 1974, afirmava, nesse mesmo sentido, o Papa Paulo VI, em relação à evangelização do homem moderno: “E é precisamente isso que nós intentamos fazer agora, no final deste Ano Santo, no decorrer do qual a Igreja, ao “procurar infatigavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens”, outra coisa não quis senão desempenhar-se do seu ofício de mensageira da Boa Nova de Jesus Cristo, proclamada com base em dois lemas fundamentais:

Podemos, então, afirmar, como refere São Paulo de modo solene na Epístola aos Efésios: “A mim, o menor de todos os santos, foi-me dada esta graça de anunciar aos pagãos a incalculável riqueza de Cristo e de manifestar a todos o desígnio salvador de Deus, mistério oculto desde os séculos em Deus, Criador de todas as coisas.” (Ef 3, 8-9) Sendo assim, se não apresentarmos esta revelação que já se manifestou para nós, com sua linguagem mesclada no modo próprio de nossa história, esse mistério permaneceria eternamente oculto em Deus. Afinal, “o desígnio de Deus implica sua realização na história.”<sup>24</sup>

## 6.2 – Atualização do testemunho de vida

O mundo atual, sedento de autenticidade, provoca-nos a assegurar se estamos testemunhando com autenticidade de vida e de palavra em nossa atividade evangelizadora.

Incisivamente, o Papa Paulo VI já buscava atualizar essa exigência da evangelização, ressaltando que a Boa Nova deve ser sustentada pelo testemunho de vida dos cristãos: “[...] testemunho de comunhão de vida e de destino com os demais [...] que irradia a fé em valores que estão para além dos valores correntes. [...]”.<sup>25</sup> E ainda advertia: “A Boa Nova proclamada pelo testemunho da vida deverá, mais cedo ou mais tarde, ser proclamada pela palavra da vida. Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados”,<sup>26</sup> pois “o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas.”<sup>27</sup> Será, pois, por seu comportamento, por sua vida, que os cristãos e a Igreja hão de, antes de mais nada, evangelizar este mundo, ou seja, pelo testemunho da santidade de vida.

---

“Revesti-vos do homem novo”, e “Reconciliai-vos com Deus”. (Cf. EN, 2). “E acrescentávamos, na mesma altura, que, para dar uma resposta válida às exigências do Concílio que nos interpelam, é absolutamente indispensável colocar-nos bem diante dos olhos um patrimônio de fé que a Igreja tem o dever de apresentar aos homens de nosso tempo, tanto quanto isso é possível, de uma maneira compreensível e persuasiva. (Cf. EN, 3).

<sup>24</sup> LIBÂNIO, João Batista. *Olhando para o futuro*: Prospectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina, op. cit., p. 29

<sup>25</sup> EN, 21

<sup>26</sup> EN, 22

<sup>27</sup> EN, 41

Esse testemunho não se dará apenas pela comunhão fraterna ou eclesial, mas também por meio de toda a vida cristã e de toda atitude de serviço, diálogo ou anúncio. E a diferença entre anúncio e testemunho está no modo de apresentar Jesus Cristo: o anúncio é feito principalmente pela palavra, pela proclamação; o testemunho é feito principalmente pela vida e pelas ações.

Assim, nosso testemunho de comunhão nasce de nossa comunhão com Cristo, cuja morte assumiu um caráter escatológico, primeiro porque sua comunhão com o Pai foi consumada na doação total da sua vida nesta Terra. E, segundo, porque n'Ele se cumpriu a plenitude da comunhão com o Pai<sup>28</sup> e, em sinal, com todos os seus filhos adotivos em Cristo. (Cf. Jo 10, 15-18)

Testemunhar é dar continuidade ao que foi iniciado por Jesus Cristo e que é processo de construção na História, em vista de sua plena realização, partindo do testemunho dado por Cristo, um testemunho de amor e serviço que anuncia uma Nova Vida, que é vocação de todos os filhos de Deus. Por essa razão, todo cristão é chamado a testemunhá-la.

### 6.2.1 – Atualização do testemunho a partir de Cristo

O Documento Conclusivo da Conferência de Aparecida nos tem dado base de atualização do testemunho do cristão latino-americano e caribenho, em meio à realidade contemporânea. Iluminado pela missionariedade de Jesus Cristo, revelador do Pai, que anunciou o Evangelho da Paz e inaugurou o Reino de Deus, Reino da Vida e da Justiça, afirma a linha missionária assumida pelo Papa Paulo VI em sua Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, como vimos anteriormente.<sup>29</sup>

Apontar um retorno à experiência primeira e básica do ser discípulo e missionário de Jesus Cristo implica ser testemunha da Boa Nova por Ele anunciada e vivida.

Como nos tem afirmado o Papa Paulo VI, Jesus é o evangelizador por excelência, pois, além de anunciar a Boa Nova com a força de sua palavra, confirma-a com seu testemunho de vida. Por isso, é chamado “testemunha fiel” (Ap 1,5), porque sua forma de viver se converte em prova irrefutável daquilo que diz.

<sup>28</sup> Cf. BOFF, Lina. “Índole escatológica da Igreja peregrinante”, art. cit., p. 24.

<sup>29</sup> Cf. EN, 7-12

Num apostolado de fidelidade ao Pai, seu serviço desinteressado, sua defesa da justiça, sua proximidade aos mais necessitados estão intrinsecamente unidos a sua doutrina, quando anuncia o Reino de Deus e o manifesta “já”, de forma germinativa, na conduta humana de Jesus.

Esse estilo evangelizador, eminentemente testemunhal, foi seguido por seus Apóstolos, pois também eles, “Com grande coragem, davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus” (At 4,33), bem como acompanhavam suas palavras e sinais (Mc 16,20; At 3,6). Esse é o estilo de Jesus, o qual todos os discípulos e missionários de Cristo são chamados a seguir<sup>30</sup>, pois “o testemunho constitui já por si mesmo uma proclamação silenciosa, porém muito clara e eficaz, da Boa Nova.”<sup>31</sup>

O testemunho é, na prática, uma das formas de comunicação mais persuasivas e convincentes que existem, sobretudo quando, em determinados contextos culturais, as palavras se tornam vazias e sem sentido, como parece suceder em nossa época. Cristo, cuja missão nós continuamos, é a “testemunha” por excelência (Ap 1, 5; 3, 14) e o modelo do testemunho cristão.”<sup>32</sup>

A razão dessa força comunicativa reside precisamente no fato de que o testemunho é a manifestação transparente da mensagem evangélica na vida concreta da pessoa. E essa Boa Nova há de ser proclamada, antes de qualquer coisa, pelo testemunho.<sup>33</sup> Não como uma realidade oposta ao anúncio, mas como constatação do mesmo. O testemunho está estreitamente unido ao anúncio evangélico, não só como sinal transparente, mas também como sinal portador e eficaz da mesma mensagem que se anuncia.

“Evangelizar é, em primeiro lugar, dar testemunho de maneira simples e direta de Deus revelado por Jesus Cristo no Espírito Santo. Dar testemunho de que, em seu Filho, ele amou o mundo de que, no seu Verbo Encarnado, ele deu o ser a todas as coisas e chamou os homens para a vida eterna.”<sup>34</sup>

O testemunho de vida constitui o melhor respaldo que se pode dar de tudo quanto diz a palavra. É como o suporte de sua credibilidade.

---

<sup>30</sup> LG, nn. 31 e 35; AG, 11; EN, 21

<sup>31</sup> EN, 21

<sup>32</sup> Cf. RMI, 42.

<sup>33</sup> EN, 21

<sup>34</sup> EN, 26

Se alguém diz algo que além do que descreve está sendo confirmado e pode ser verificado com sua vida, então é que as palavras se tornam realidade, e que certamente merecem credibilidade.

A melhor garantia que pode receber a evangelização é que a Boa Notícia anunciada apareça feita realidade na vida do discípulo. Isso é o que de verdade convence. No entanto, o testemunho cristão não vai ser realmente acreditável, se não se mostra como testemunho encarnado e profético:

“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda ao reino do Pai e receberam a mensagem da salvação para comunicá-la a todos. Por esse motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história”.<sup>35</sup>

Com efeito, o Senhor ressuscitado ordenou aos discípulos: “Portanto, ide e fazei com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19). A evangelização é uma missão que compete a todo cristão batizado, discípulo de Jesus Cristo, chamado a testemunhar o Reino e sua salvação, que já começou nesta história e tende para sua realização plena.

### **6.2.2 – Recomendação da vigilância fiel na evangelização**

Dentre as muitas recomendações, uma das mais sérias e repetidas que, ainda hoje vale sempre lembrar aos fiéis seguidores do Senhor, como alertava o Papa Paulo VI<sup>36</sup>, é a “vigilância e a fidelidade que se exigem daqueles que esperam o advento definitivo do Senhor.”<sup>37</sup>

Disse o Senhor: “Acautelai-vos e vigiai, porque não sabeis quando chegará o momento [...]. O que vos digo a vós, digo-o a todos: Vigiai!” (Cf. Mc 13,33-37). O texto nos ajuda a perceber a constante necessidade de nossa predisposição ao encontro com o Senhor, que nos oferece um tempo novo e uma nova vida, na medida em que nossa relação com o Senhor se torna mais profunda.

---

<sup>35</sup> GS, 1

<sup>36</sup> Cf. *ES.*, 8, e *EN*, 8

<sup>37</sup> *EN*, 8

Os sinóticos nos ensinam que Jesus, ao fazer seu discurso escatológico, pouco antes de sua paixão e morte, inclui como exemplo de ajuda explicativa a parábola da figueira (Cf. Mc 13,28-32), que, no final, adverte: “Daquele dia e da hora, ninguém sabe: nem os anjos do céu, nem o Filho, somente o Pai” (Mc 13,32). Trata-se de uma visão escatológica equilibrada de nossa vida diante dos motivos que procedem da fé que nutrimos pelo Cristo glorioso. Manifesta-se através de nosso encorajamento em agir contra as ações do mau espírito, da nossa força que atua como princípio divino dentro de nós, para não ceder às nossas fraquezas.

Através da vigilância, aprendemos a ser providentes e atentos ao nosso modo de sentir e até mesmo de desejar o encontro com o Senhor, para acolhê-lo, no tempo em que estivermos prontos para o eterno abraço do Pai.<sup>38</sup>

Diante da necessidade em considerar, com mais atenção, na evangelização, o mais íntimo deste convite de Jesus: “acautelai-vos e vigiai”, o medo não deve nos desanimar; mas, com abertura, para estar atento a Jesus, que vem, diariamente, ao nosso encontro, ele nos encoraja a estarmos atentos para reconhecê-lo nas diversas situações da vida, para evitarmos distanciar-nos de sua presença.

Nesse sentido é que o Papa Paulo VI recordou-nos da necessidade a vigilância e da fidelidade,<sup>39</sup> para que pudéssemos viver o tempo presente na esperança do encontro com o Senhor, sem que dEle nos separemos,<sup>40</sup> pois é Ele quem orienta o nosso olhar para a eternidade, com mais substância e vigor às atitudes e escolhas que tomamos hoje.

Para tanto, é indispensável o discernimento, isto é, a capacidade de distinguir o essencial do acessório. Não para desprezarmos os bens acessórios, que passam, mas para termos um critério de valor, que permita acolhê-los e vivê-los em sua plenitude relativa, em sua verdadeira beleza e em sua autêntica bondade. A atitude espiritual, que caracteriza e sustém a capacidade de lermos das realidades penúltimas à luz das últimas, é uma atitude conotada com a espera do Reino definitivo, de forma vigilante e fiel.

---

<sup>38</sup> BOFF, Lina. “Índole escatológica da Igreja peregrinante”, art. cit., p. 29.

<sup>39</sup> EN, 8

<sup>40</sup> EN, 16

### 6.3 – Evangelizar hoje a partir da esperança cristã

A esperança cristã, expectativa escatológica dos que se dedicam ao anúncio do Reino e da salvação que dele provém, “é marcada pelos testemunhos que prenunciam, em sua missão evangelizadora, os bens futuros e o primado de Deus na história.”<sup>41</sup>

O próprio Concílio Vaticano II tem colocado em relevo essa perspectiva na *Lumen Gentium*, ao dizer:

“(...) o povo de Deus não possui aqui morada permanente, mas busca a futura, o estado religioso, pelo fato de deixar seus membros mais desimpedidos dos cuidados terrenos; ora manifesta já aqui, neste mundo, a todos os fiéis a presença dos bens celestes, ora dá testemunho da nova e eterna vida conquistada pela redenção de Cristo, ora prenuncia a ressurreição futura e a glória do Reino celeste. Este mesmo estado imita ainda mais precisamente e representa continuamente na Igreja aquela forma de vida que o Filho de Deus assumiu ao entrar no mundo para fazer a vontade do Pai e propôs aos discípulos que o seguissem. Finalmente, patenteia, de modo peculiar, a transcendência do Reino de Deus e seus altos destinos sobre tudo o que é terreno. Demonstra, ao mesmo tempo, a todos os homens a supereminente grandeza da força de Cristo-Rei e o infinito poder do Espírito Santo, que opera admiravelmente na Igreja”.<sup>42</sup>

Não se trata de uma expectativa inerte, preguiçosa, evasiva; é, antes, uma esperança ativa, feita de compromisso e vigilância, de trabalho e missão para dar forma histórica às bem-aventuranças a partir já dessa história, como vimos anteriormente.

A escatologia, como forma de poder proclamar a esperança diante da pluralidade de desafios em diferentes contextos e situações, busca tratar, em primeiro lugar, da esperança para a vida concreta das pessoas e do mundo, pois sem esperança ninguém vive. Uma teologia da vida precisa de uma escatologia viva.

Renold Blanc, ao falar sobre o projeto de Deus numa perspectiva cósmica, finalizando num novo Céu e numa nova Terra, afirma sua realização num desenrolar terreno de transformações pessoais e sociais, alimentado, portanto, pela esperança da continuidade e não pela previsão da destruição.<sup>43</sup>

<sup>41</sup> Cf. SECUNDIN, Bruno. *Perfume de Betânia: a vida consagrada como mística – profecia - terapia*, São Paulo, 1997, p. 137.

<sup>42</sup> LG, 44; além deste, podemos verificar outros textos como: PC, 1.12.25; LG, 31.42; GS, 38, etc. São breves acenos, que não entram em profundidade nesta perspectiva escatológica.

<sup>43</sup> Cf. BLANC, Renold. *Escatologia do mundo: o projeto cósmico de Deus*, São Paulo, 2001, p. 7.

Desse modo, Deus, adentrado na História, sempre junto a seu povo, é quem tem a última palavra; quem sempre conduziu seu povo ao caminho da vida, revelando-se como Deus da vida; e que está acima de toda limitação humana, porque é vida em plenitude. Com base nessa convicção, é possível manter a esperança também nos dias atuais.

Destarte, o conteúdo básico de toda a escatologia é a esperança, o que é indício de que o fim último de tudo não será o triunfo dos opressores deste mundo, mas a vitória do projeto histórico de Deus.

Quando o nosso Pontífice, em sua Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, cobrava-nos a atenção na evangelização à virtude da esperança, quis ressaltar uma evangelização sob este sinal:

Por conseguinte; a evangelização não pode deixar de comportar o anúncio profético do além, vocação profunda e definitiva do homem, ao mesmo tempo em continuidade e em descontinuidade com a sua situação presente, para além do tempo e da História, para além da realidade deste mundo cujo cenário passa e das coisas deste mundo, de que um dia se manifestará uma dimensão escondida; para além do próprio homem, cujo destino verdadeiro não se limita à sua aparência temporal, mas que virá também ele a ser revelado na vida futura.<sup>44</sup>

Mas também o documento da evangelização contemporânea nos antepõe ao fato da tensão escatológica:

A evangelização contém, pois, também a pregação da esperança nas promessas feitas por Deus na Nova Aliança em Jesus Cristo: a pregação do amor de Deus para conosco e do nosso amor a Deus, a pregação do amor fraterno para com todos os homens, capacidade de doação e de perdão, de renúncia e de ajuda aos irmãos, que promana do amor de Deus e que é o núcleo do Evangelho; a pregação do mistério do mal e da busca ativa do bem. Pregação, igualmente, e esta sempre urgente, da busca do próprio Deus, através da oração, principalmente de adoração e de ação de graças, assim como através da comunhão com o sinal visível do encontro com Deus, que é a Igreja de Jesus Cristo.<sup>45</sup>

O que, por sua vez, evidenciava posteriormente essa realidade escatológica mesclada nas situações da vida toda do ser humano, e que se confirma quando, em seguida, o Pontífice dizia que: “a evangelização não seria completa se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social dos homens”.<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> EN, 28

<sup>45</sup> EN, 28

<sup>46</sup> EN, 29

Desse modo, o Pontífice nos leva a afirmar que a esperança não é a fuga para frente perante as injustiças, sofrimentos ou dificuldades do presente nem conformismo resignado e impotente dos fracos. A esperança apoia-se na fé no Deus presente na história; é a convicção de que, com Ele, a vida do homem tem sentido, tem um futuro, e um futuro absoluto. É o compromisso de ação para que o Reino de Deus e sua justiça aconteçam neste mundo, tornando mais fecunda a vida de cada um e mais solidárias e fraternas as relações entre todos. Não a podemos explicar adequadamente em termos do conhecimento humano, que é limitado, mas a esperança está presente e transforma nossa maneira de ver e de estar com os outros no mundo.

O cristão, convicto de sua missão, é chamado a ser solidário e generoso com a humanidade ao testemunhar o Cristo salvador e a expectativa do seu encontro definitivo com ele, bem como do mundo novo que virá com ele de forma definitiva. Essa solidariedade e generosidade de vida assumida pelos fiéis cristãos apresentam, com alegria e liberdade, seu confronto com uma cultura hedonista, escrava do prazer e dos sentidos. Assim, pode apresentar, no mundo atual, o rosto paterno de Deus e o rosto materno da Igreja, de quem coloca em jogo a própria vida, para que outros tenham vida e esperança.<sup>47</sup>

### **6.3.1 – Uma esperança escatológica que motiva a Igreja a agir a partir de Cristo perante o Mundo Contemporâneo**

Buscando favorecer o diálogo e a inserção da Igreja no mundo moderno, o Concílio Vaticano II dedicou um documento especial para mostrar que a Igreja é luz dos povos e sacramento da unidade com Cristo. E, por conseguinte, outro documento para destacar sua missão no mundo, como aquela que acolhe as alegrias e as esperanças da humanidade.<sup>48</sup>

O capelão pontifício Raniero Catalamessa nos situa nessa vertente escatológica da esperança que o mundo moderno depositou na Igreja no período conciliar, apontando que, por ocasião do Concílio Vaticano II, “o mundo moderno mostrou-se mais bem disposto para com a Igreja, tão à escuta dela [...]; e o motivo

<sup>47</sup> Cf. VC, 105b; EN, 79.80.

<sup>48</sup> Trata-se das Constituições Dogmática e Pastoral: *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*, respectivamente, quando o Concílio propôs a Igreja como Sacramento de Unidade e quis inserir-las nas realidades do mundo moderno. Cf. LG, 1 e GS, 1.

principal é que o Concílio dava esperança. [...]”.<sup>49</sup> E a Igreja não poderia fazer, no mundo, uma doação melhor do que dar-lhe esperança. “Mas esperança pura e simples, aquela que, mesmo sem o saber, tem por horizonte a eternidade e por avalista Jesus Cristo e a sua Ressurreição. Essa esperança servirá também de mola para todas as outras legítimas esperanças humanas.”<sup>50</sup>

Se o Cristo vivo comunica-nos “em germen”, é essa esperança, portanto, que deve ser anunciada na pastoral da Igreja; é por ela que se deve trabalhar na realidade terrestre, construindo uma nova sociedade que aponte para a cidade celeste (Cf. Hb 11,16). Assim, a tensão dinâmica vivida na fé e na esperança comunitária abre um horizonte que oferece aquilo de que ninguém e nenhuma sociedade podem prescindir: uma esperança fundadora de um sentido pleno. Para os cristãos, homens e mulheres, essa esperança é Jesus Cristo vivo, que promete e realiza o fim bom e pleno do ser humano, na comunidade e no universo como um todo.<sup>51</sup>

Portanto, essa esperança nos abrirá para a vida eterna, isto é, vida de pura felicidade que ninguém jamais pode tirar, vida eterna vivida além da temporalidade, o instante de satisfação que nos abraça e nos envolve na totalidade.

A esperança escatológica, portanto, abre os horizontes para a “vida eterna”, a plenitude da vida; é a resposta perfeita às aspirações humanas.

Assim, as últimas coisas que foram reunidas nos catecismos tradicionais são vistas à luz do Reino de Deus que já atua entre nós, permitindo-nos aguardar sua completude. Desse modo, rompemos com o fio que nos une a um passado de medo, pecado e culpabilidade,<sup>52</sup> tão difundido desde o período medieval, para sustentar os antigos *novíssimos*, que se apoiavam num imaginário tradicional.<sup>53</sup>

<sup>49</sup> CANTALAMESSA, Raniero. *Preparai os Caminhos do Senhor*, São Paulo, 1997.

<sup>50</sup> *Ibidem*

<sup>51</sup> BOFF, Lina. “A *Spe Salvi* sugere o Vaticano II? Do Continente da Esperança”, art. cit., p. 659

<sup>52</sup> Refiro-me aqui às obras de Jean DELUMEAU, *História do medo no Ocidente (1300-1800)*, São Paulo: Cia. das Letras, 1989; e, *O pecado e o Medo*, Vol. I e II. (Trad. Álvaro Lorencini). Bauru: Edusc, 2003. Segundo o autor, uma verdadeira “pastoral do medo” colocou em ação a máquina de conversão que adestrou as populações no Ocidente cristão, entre os séculos XIII e XVIII. Nesta pastoral, o sermão - que se ouvia chocalhando os dentes - fustigava os pecados capitais e veniais, acordando um lugar privilegiado ao inferno. A finalidade era a de aterrorizar os fiéis para o “seu bem”, encaminhando-os às vias da salvação, sob a ameaça de castigos ao mesmo tempo terríveis e eternos.

<sup>53</sup> Esse imaginário teológico se refere a um conjunto de ideias, símbolos, valores, comportamentos e atitudes que as pessoas adotam e dentro dos quais todos esses fatores se tornam significativos, inteligíveis. É uma maneira de representar a realidade terrestre e sobrenatural, a relação entre ambas. Assim, cabia perfeitamente num imaginário tradicional. Cf. LIBÂNIO, João Batista – BINGEMER, Maria Clara. *Escatologia Cristã: o novo céu e a nova terra*, op. cit., pp. 38 ss.

Ali se “rezava jaculatórias carregadas de indulgências para diminuir o tempo de seu purgatório”.<sup>54</sup> Fazia, portanto, parte desse imaginário um purgatório “com tempo, punitivo com fogo, em que as almas penavam”,<sup>55</sup> e as jaculatórias eram recursos religiosos para diminuir o próprio purgatório futuro ou até aboli-lo totalmente pela indulgência plenária.<sup>56</sup>

Por isso, a evangelização é proclamação de uma vivência que deve ser constituída como testemunho de uma civilização, apresentando como novidade a esperança da salvação.

Face à massificação, dispersão, solidão e marginalização, a Igreja deve evangelizar a cultura contemporânea, mediante um testemunho pessoal e comunitário, esperançoso dos bens futuros.<sup>57</sup>

Podemos dizer que são justamente essas assunções de responsabilidades a condição principal de expectativa de uma esperança que se abre para o futuro de Deus e para o presente da humanidade, no meio dos quais Deus quis morar.

### 6.3.2 - Esperança que se realiza na ação do Espírito

O Evangelho de Lucas nos retrata, na narrativa da encarnação, sua sensibilidade e preocupação com a atitude de Deus em se fazer humano e assumir a humanidade pecadora; de um Deus que decide fazer-se humano em meio aos que não se deixaram corromper pelo poder da dominação prepotente e autoritária, o que ocasionou a miséria de muitos e até mortes injustas diante da dominação imposta. Embora tenha sofrido, essa ação desumana esperava fielmente na promessa da justiça de Deus, que viria salvar seu povo. (Cf. Lc 1,5-2,52).

É nessa realidade de pobres e injustiçados que Deus veio encarnar-se, tornar-se humano e revelar-se para Seu povo. Lucas aponta, com sensibilidade, em notar

<sup>54</sup> Cf. LIBÂNIO, João Batista – BINGEMER, Maria Clara. *Escatologia Cristã: o novo céu e a nova terra*, loc. cit., p. 38, e ainda Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, *A purificação final ou purgatório*, op. cit., par. 1030-1032.

<sup>55</sup> Cf. LIBÂNIO, João Batista – BINGEMER, Maria Clara. *Escatologia Cristã: o novo céu e a nova terra*, op. cit., pp. 38-39

<sup>56</sup> De acordo com o Catecismo da Igreja Católica, uma indulgência é: “A remissão, diante de Deus, da pena temporal devida pelos pecados já perdoados quanto à culpa (remissão), que o fiel bem-disposto obtém, em condições determinadas, pela intervenção da Igreja que, como dispensadora da redenção, distribui e aplica, por sua autoridade, o tesouro das satisfações (isto é, dos méritos) de Cristo e dos santos. A indulgência é parcial se remover parte da pena temporal devida pelo pecado, ou plenária, se remover toda a pena”. Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, *As indulgências*, op. cit., par. 1471.

<sup>57</sup> GRINGS, Dom Dadeus. *A evangelização da cidade: o apostolado urbano*. Porto Alegre, 2004, p. 83.

o detalhe fundamental da esperança do povo de Deus, em suas promessas do passado. Essa é a intenção do Evangelho de Lucas – mostrar como Deus se revela à pequena porção do seu povo, mesmo que em meio às realidades marcadas pela desesperança e pela perda do sentido da vida, embora a esperança se encontre intacta no mais profundo das pessoas, caracterizada pela simplicidade de vida e do jeito humilde de vivê-la.

Deus, sempre na óptica do Espírito Santo, inicia seu contato com os seres humanos,<sup>58</sup> “para orientá-los à sua realização, desde a vida terrena e presente até a sua plenificação futura”.<sup>59</sup>

A obra de Lucas nos leva a conceber a História como história de salvação, pois no Espírito do Ressuscitado, Deus continua a realizar a promessa da salvação, fazendo acontecer a unidade de seu plano salvífico na História,<sup>60</sup> pois “o Pneuma é o princípio dinâmico que transforma os processos históricos de morte em história que gera vida, pois a história para ele está em contínua mudança”.<sup>61</sup>

Portanto, nessa atitude de constante movimento, essa dinamicidade de Deus, verificada na ação do Espírito Santo na história do povo de Deus, é que dinamiza o plano de salvação por Ele projetado e levado a termo pela missão de Jesus.

O Papa Paulo VI, na linha do Concílio, afirmando a Igreja como sacramento da unidade de Cristo com a humanidade, exorta-a, continuamente, a agir sob a inspiração do Espírito Santo; e dizia nestes termos:

Nunca será possível haver evangelização sem a ação do Espírito Santo. Sobre Jesus de Nazaré, esse Espírito desceu no momento do batismo, ao mesmo tempo em que a voz do Pai – “Este é o meu Filho no qual ponho as minhas complacências” – manifestava, de maneira sensível, a eleição e a missão do mesmo Jesus. Depois, foi “conduzido pelo Espírito” que Ele viveu, no deserto, o combate decisivo e superou a última prova antes de começar essa sua missão. Foi “com a potência do Espírito”, ainda, que Jesus voltou para a Galiléia e inaugurou a sua pregação, aplicando a Si

<sup>58</sup> Cf. BOFF, Lina. *Espírito e missão na obra de Lucas-Atos*: Para uma teologia do Espírito, São Paulo, 2003.

<sup>59</sup> Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas em João*. Uma nova leitura dos evangelhos, Porto Alegre, 2000, p.35. Os prólogos dos evangelhos de Lucas e João como sintonia teológico-sapiencial afirmam que todo o começo está na relação direta com o fim, todo o “fim” está voltado para o seu “princípio” (Hb 3, 14; 7,3). Na teologia sapiencial e profética está uma imagem da relação direta entre o “princípio” e o “fim” (o alfa e o ômega); com a mesma relação que podem ser referidos outros dois conceitos extremos: “O primeiro” e o “último” (Cf. Ap 2,8; 22,13). “Conforme nos transmitiram os que desde [no início] foram testemunhas oculares e operadores do acontecer da palavra...” (Lc 1,2). “No início era o Verbo, e o Verbo se fez carne, e ele armou tenda entre nós” (Jo 1,1). “No início Deus fez o céu e a terra” (Gn 1,1).

<sup>60</sup> Cf. BOFF, Lina. *Espírito e missão na obra de Lucas-Atos*, op.cit., p. 182

<sup>61</sup> Ibidem, p. 184

próprio a passagem de Isaías, “o Espírito do Senhor está sobre mim”. “Cumpru-se hoje – acrescentou Ele – esta passagem da Escritura”. E aos discípulos que Ele estava prestes a enviar, disse Ele, soprando ao mesmo tempo sobre eles: “Recebei o Espírito Santo”.<sup>62</sup>

Essa atuação do Espírito Santo, livremente, na história através do Ressuscitado, é, portanto, dinâmica e continuadora da ação de Jesus, que realiza a esperança do povo de Deus e o convida a se envolver nesse projeto que restaura a dignidade da vida com toda a justiça que lhe é por direito, acenando para sua manifestação plena.

Nessa afirmação escatológica, que expressa a intervenção do Espírito de Deus em nossa história, o Reino de Deus é apontado como uma realidade histórica e presente e, ao mesmo tempo, escatológica.

A missão da Igreja como anunciadora do Reino de Deus, portanto, assistida e com o auxílio do Espírito do Senhor, colabora na construção do Plano Salvífico que Deus realiza no tempo presente de maneira gratuita e levado a termo em sua globalidade<sup>63</sup> – um Reino que vem para todos, e que se realiza no futuro. (Lc 17, 20-21)

Pertence à Igreja a tensão escatológica, a conversão permanente, que a faz peregrinar sempre à procura de si, do mistério que lhe está na origem; nessa condição peregrina, caminha com os homens, que procuram a Verdade. Então, a questão inicial “Igreja, que dizes de Ti?” pode tornar-se questão “Igreja, que dizes do homem e ao homem?”.

A Igreja, num processo iniciado pelo Concílio e jamais conclusivo, deverá ser sempre mais, sinal da “união com Deus e da unidade do gênero humano”. Dessa unidade, a Igreja é testemunha, que torna presente (visível) o ausente (invisível). Porém, sempre se deixando conduzir pelo Espírito do Ressuscitado, que com ela está a caminhar e a realizar as promessas de Deus.

## Concluindo

O mundo precisa de esperança, talvez esta seja uma das maiores crises: a de esperança.

---

<sup>62</sup> Cf. EN, 75

<sup>63</sup> Cf. BOFF, Lina. *Espírito e missão na obra de Lucas-Atos*, op.cit., p. 189

Vivemos hoje a experiência do desencanto. As guerras de ontem voltaram ao cenário de hoje, e afirmam a insensibilidade do homem diante do valor do mundo e das criaturas que nele vivem. A humanidade caminha perdendo o seu chão, a cada dia lastimando a dor e o sofrimento causado por essa insensibilidade que cega o homem diante do presente ameaçado pela ânsia de poder.

Falta esperança ao homem, nesta situação que vive o mundo atual, por conseguinte também falta transcendência. Logo, a tristeza e o mal-estar passam a ocupar o espaço humano, levando-o a ser lobo de si mesmo, que, desesperado, busca satisfazer seus próprios desejos, de forma egoísta e desumana. Tal atitude marca a sociedade do consumo e do prazer, na qual as pessoas, quando frustradas por não atingirem seus desejos, respondem com atitudes débeis e violentas, afirmando ações animais, que negam a própria identidade humana.

Nossa contribuição em querer atualizar a dimensão escatológica busca recuperar a dignidade da criatura humana amada por Deus e que tem lugar no desejo de vida plena que Ele oferece a toda a criação. Contudo, cabe ao homem rever valores fundamentais que sustentam sua existência e afirmam a importância dessa plenitude de vida, que é destino comum para a humanidade, mas que começa na História, no momento em que a pessoa se volta para o valor da vida na relação solidária com os outros seus irmãos e com toda a natureza criada. Volta a se abrir com esperança ao infinito que se lhe mostra no espírito, num profundo desejo de amar e servir, aberto à comunhão de vida, em plenitude com toda a criação.

Assim sendo, havemos de considerar que a escatologia está ligada ao comportamento humano, pois é a concepção do futuro que determina nossa ação no presente, sobretudo quando se trata do futuro absoluto, da eternidade.

Portanto, a missão evangelizadora na Igreja precisa estar atenta ao apelo que ainda hoje nos lança o Papa Paulo VI: “A evangelização não pode deixar de comportar o anúncio do além, vocação profunda e definitiva do homem”.